

As várias fases da obra de Malangatana (VI)

Um trabalho de consistência cada vez maior

Após o regresso da Europa, o Governo Provisório e a Independência vêm quase a seguir. De 1974 a 1978, nova fase se esboça. Desse ano a 1980 é a estada em Nampula e um novo recomeçar — uma fase de grande poder criativo.

Como as referências críticas são muito reduzidas nestes dois períodos, podemos apresentar aquilo que melhor fala deles: maior número das suas obras.

Regressado a Moçambique, Malangatana volta a deixar obras suas estarem presentes na África do Sul, mas isso no «II Festival Mdali», uma organização de artistas negros que procurava marcar a presença da cultura negra na terra do «apartheid» (Chissano, Mankeu e Oblino também participaram).

Depois foi o 25 de Abril de 1974, o Governo Provisório e a explosão da Independência.

Malangatana envolve-se profundamente nas novas tarefas que o país exige. Primeiramente ligado à Comissão Política do Instituto do Trabalho, ajudando a solucionar os problemas laborais surgidos na altura, depois na criação da Galeria de Artesanato, do Museu Nacional de Arte e dando aulas no Centro de Estudos Africanos e na Faculdade de Educação.

Natural pois que esta fase (de 1974 a 1978) seja marcada por muito pouca produção, por uma certa hesitação nos seus caminhos artísticos e, conseqüentemente por

muito poucas ou nehumas referências críticas à sua obra.

Dessas registamos a que Betty



Schneider publica em «Modern Art in Africa» em que afirma: «ser a arte de Malangatana: «(...) um magnífico instrumento de manifestação. Uma expressão colectiva que vem dos usos e costumes do povo e conduz à sua evolução social, mental, cultural e política».

PORTUGAL, RDA,
MOÇAMBIQUE E NIGÉRIA

Ainda jornais portugueses referem, de passagem, a participação



Nampula: o abrir de zonas de esperança e construção surgindo da angústia habitual

(qualidade assim escura no original)



«O aberto», outro dos seus desenhos de Nampula



Um dos poucos óleos do período 1974/78: «7 de Abril»

de Malangatana nas «Maias para o 25 de Abril», uma exposição organizada em Lisboa com a intenção de saudar e comemorar a extinção do regime fascista, apresentando obras que jaziam nos ateliers devido à repressão anteriormente existente. Malangatana participou com um desenho de 1973, intitulado «Wiryamu» e que era acompanhado por um pequeno poema.

Obras suas também aparecem durante essa época em Portugal na festa do jornal «Avante» de 1977 e na «Semana contra a Guerra Colonial» em 1974. Durante o mesmo período participa ainda nas «colectivas» «Exposição Itinerante» que, apresentada primeiro nesta cidade, percorre depois outras cidades e vilas de Moçambique, nas de comemoração da Independência em 1975, 1976 e 1977, e na «Artistas de Moçambique» exposta na República Democrática Alemã (Berlim).

Vai à Nigéria durante dois meses desenvolvendo grande actividade no «II Festival de Artes Negras e Africanas».

MAIS UMA VEZ O REENCONTRO

Em 1978, o artista segue para a província de Nampula, integrado no programa de estabelecimento de aldeias comunais e aí desenvolve larga actividade de dinamização cultural, procedendo a investigações antropológicas, à instalação de «casas de cultura» e ajudando a levar à cena espectáculos teatrais em que actua como músico e actor. É durante este período que, embora sem grandes possibilidades de pintar a óleo, ele desenha, desenha muito, e experimenta as técnicas da acrílica, ganhando um novo impulso e sur-

gindo com uma nova «maneira» em que a sua obra começa a apresentar já não só uma forte angústia mas o abrir de zonas de esperança e construção.

Trabalhos seus estão patentes em «colectivas» que são expostas em Cuba, Reggio Emilia, RDA, Suécia e, é claro, em Moçambique.

Também nesta sua nova fase, as críticas não surgem — ou delas não temos conhecimento —, mas os seus trabalhos — principalmente o desenho — ganham uma consistência cada vez maior: Malangatana vencera as hesitações artísticas a que as outras actividades a que, como cidadão se entregara, o tinham levado e, mais uma vez, encontrara o seu caminho de artista reflectindo o sentir do seu povo.

J. N.